

Melanie
Levensohn

UMA RAPARIGA JUDIA *em* PARIS

Inspirado numa comovente história real
passada na França sob ocupação nazi
durante a Segunda Guerra Mundial



Nota da autora

O amor e coincidências extraordinárias não mudaram apenas as vidas dos protagonistas deste romance, também mudaram a minha.

Quando me casei com o meu marido, Pascal, em 2013, e adotei o seu apelido Levensohn, tornei-me homónima da sua prima em segundo grau, que desapareceu. Melanie Levensohn viveu em França como estudante, no início da década de 1940, e foi deportada para Auschwitz em dezembro de 1943. Ninguém sabe ao certo se sobreviveu ao campo de concentração.

O meu marido teve conhecimento desta parte da sua história familiar em 2005, no *bar mitzvah* da sua filha mais velha, Amanda, quando a sua prima, Jacobina Löwensohn, revelou a existência da sua meia-irmã Melanie. O pai só falara a Jacobina do seu primeiro casamento e da sua filha Melanie no seu leito de morte, em 1984, e fê-la prometer que iria à procura de Melanie. Jacobina passou mais de dez anos a tentar encontrar a meia-irmã, que nunca conheceu. Contactou organizações, especialistas e investigadores de todo o mundo ligados ao Holocausto. Todas as pistas iam dar a Auschwitz.

Jacobina guardou as cartas e os documentos históricos que compilou durante esses anos numa pasta intitulada *Melanie Levensohn* e deu-a a Pascal. Ao descobrir a pasta no seu escritório, mergulhei imediatamente no seu destino trágico.

A coincidência espantosa de, exatamente setenta anos depois de Melanie se ter tornado vítima das atrocidades da Alemanha Nazi, outra Melanie Levensohn — oriunda da Alemanha — se ter juntado

à família e o facto de eu ter estudado em França, tal como a minha homónima, provocou um turbilhão emocional na nossa família.

O destino de Melanie bem como o facto de termos o mesmo nome cativaram-me completamente. Senti uma necessidade urgente de lhe fazer uma homenagem especial. Foi o que me inspirou a escrever este romance. No entanto, não se trata de uma biografia. Embora este livro se baseie em factos e vidas reais, as minhas personagens são todas ficcionais.

Quando estava grávida, as minhas coincidências pessoais e a ligação emocional com Melanie atingiram o ponto mais alto com o facto de a data esperada para o nascimento da nossa filha, Aurelia, corresponder à data do aniversário de Melanie Levensohn.

Quer tenha sido o acaso ou o destino a inspirar-me a escrever este romance, espero que os leitores de *Uma Rapariga Judia em Paris* partilhem algumas das emoções intensas que experienciei quando estava a desenvolver as reviravoltas desta história.

Melanie Levensohn



Melanie Levensohn, provavelmente 1942
Créditos da fotografia: arquivo familiar privado

1

Jacobina

Montreal, 1982

— O sangue... — murmurou o velho, num arquejo, respirando com dificuldade pela boca. — O sangue...

A sua voz cortou o silêncio como uma tesoura sobre papel. A primeira palavra em dois dias. Jacobina, que se encontrava enroscada no cadeirão estreito junto da cama, endireitou-se de repente e olhou para o pai. Os olhos dele estavam meio abertos, com pedaços minúsculos de pele a descamar dos lábios.

Ela estava há horas sentada no quarto sobreaquecido, a vê-lo a dormir. Ele estava deitado, imóvel, com os cantos da boca virados para baixo, sendo o leve movimento do peito, para cima e para baixo, o único sinal de que estava vivo. Repetidas vezes, a própria Jacobina passara pelas brasas.

De quinze em quinze minutos, o silêncio era quebrado pelo repicar abafado do sino de um campanário, a lembrar, com regularidade, que se passara mais algum tempo. Jacobina lançava, então, uma olhadela ao relógio, para ver que quarto de hora acabara de ser anunciado. Já seriam três e meia? Ou apenas duas e meia?

Uma enfermeira vinha quatro vezes por dia. De manhã, aparecia a mulher loura e calma para medir a temperatura e a tensão arterial dele. Manuseava os instrumentos de forma hábil e confiante, colocando a braçadeira suavemente no braço do paciente. Jacobina ouvia a bomba de borracha a ser insuflada e, um instante depois, o assobio do ar a ser libertado. A enfermeira tomava nota e desaparecia.

De tarde, vinha a enfermeira ruiva dos sapatos com solas que chiavam.

— Devia ir para casa — dizia-lhe sempre, no seu francês claramente quebequense, enquanto mudava o soro ou esvaziava o saco da urina. — Ele está exausto. — Mas Jacobina limitava-se a abanar a cabeça, com a pronúncia grosseira da enfermeira a reter-lhe nos ouvidos.

Acabou por concordar em passar as noites num pequeno hotel. Os aposentos não eram especialmente cuidados, mas era barato e ficava muito perto do hospital. Cortinas castanhas, um colchão sem forma. Ali, Jacobina também ouvia o campanário da igreja a tocar de quarto em quarto de hora. Sentia-se atordoada. Imagens do pai rodopiavam diante dos seus olhos, o homem afetuoso da sua infância a transfigurar-se no homem emaciado da cama de hospital. Até esse momento, fora impossível dormir.

— O sangue — repetiu o velho, agora um pouco mais alto, assobiando levemente o «s». E depois a voz falhou. Comprimiu os lábios e tentou engolir em seco, algo que era claramente um desafio para ele.

Jacobina observava-o atentamente. Ficaria ele contente por a ver?

— Pai? — chamou baixinho. — Consegues ouvir-me? — Uma sensação de vazio espalhou-se pelo seu estômago, uma mistura de alívio e de incerteza. Deveria sentar-se na cama dele, pegar-lhe na mão e tentar acelerar o seu despertar? Não, pensou. Era melhor conceder-lhe algum tempo. Ele iria precisar de um instante para perceber onde estava.

Com movimentos hesitantes, o pai pôs o braço de fora do cobertor e esfregou-o sobre os olhos. Não pareceu reparar em Jacobina. Fixou o olhar na parede em frente da cama e estudou o quadro, que se encontrava pendurado ligeiramente baixo e que, provavelmente, fora ali posto para dar um pouco de cor ao quarto de hospital. Mesmo na penumbra, a Torre Eiffel via-se claramente. Uma reprodução barata de algum quadro impressionista, presumira Jacobina quando entrara no quarto pela primeira vez. Mas não um dos temas característicos de Monet que se imprimiam sempre nos calendários

de parede. Nunca vira aquele quadro. Nas suas longas horas de espera, analisara-o em pormenor. Não por gostar especialmente dele — não gostava —, mas porque era a única coisa naquele quarto que não a fazia pensar em morte. Em morte e nas expectativas que teria de satisfazer quando ela viesse — *se viesse*.

Conseguiria chorar? Conseguiria sentir o sofrimento que se deveria experienciar quando morre o nosso pai? A dor permanente que exige um espaço no nosso coração quando finalmente compreendemos que a perda é final? Ou talvez não viesse a sentir grande coisa. Já perdera o pai mais de duas décadas atrás. Quando tinha acabado de fazer vinte e um anos, quando trocara o Canadá por Nova Iorque. Ele nunca a perdoara.

A morte da mãe fora dura. Depois de toda a sua verbosidade, Jacobina demorara anos a aceitar finalmente o seu silêncio definitivo. Sentia falta de tudo nela. Dos telefonemas breves e praticamente diários que vinham sempre na altura errada. Das conversas sobre coisas sem importância.

— Jackie, querida, como estás?

— Mãe, estou no escritório. Não posso falar muito tempo.

— Queria só saber se está tudo bem.

As encomendas não solicitadas da mãe, contendo chocolate preto e *bagels* da pastelaria Saint Viateur. As suas cartas, com a caligrafia gatafunhada que Jacobina reconhecia mesmo ao longe. O inverno estava a ser demasiado longo, escrevia a mãe, não estava muito bem de saúde. Jacobina quase nunca lhes respondia. Todos os anos, pela Páscoa judaica, a mãe enviava-lhe mais pão *matzah* do que Jacobina conseguiria comer. Havia mais lojas *kosher* em Nova Iorque do que em Montreal, mas a mãe recusava-se a dar-lhe ouvidos. Na altura, a sua amabilidade irritara Jacobina. Agora, anos mais tarde, ainda tinha saudades dela. Sentia falta dos muitos telefonemas. Se tivesse sido mais carinhosa, pensava muitas vezes; era o mínimo que poderia ter feito. Apercebeu-se demasiado tarde de que a mãe fora a sua única casa. Por vezes, nem a magia da nostalgia

conseguia ocultar a dor do arrependimento. Os «e se», as coisas «que poderiam ter sido». Todas as palavras não ditas.

Mas o pai... era uma história diferente.

O olhar de Jacobina regressou à cama de hospital. Não iria ter saudades da sua frieza. E, no entanto, viera, ainda assim, despedir-se dele. Ele passara por muita coisa na vida; não deveria, além de tudo, ter de morrer sozinho. O sentido de obrigação do filho único.

Subitamente, ele tossiu de forma tão violenta que a cabeça investiu para diante em sacões breves. Depois, voltou a tentar falar.

— O sangue — disse precipitadamente, fazendo uma breve pausa e depois debatendo-se para continuar — ... é mais espesso... do que a água. — Resmoneando, fechou os olhos, como se pronunciar esta frase lhe tivesse exigido o que restava das suas forças.

Jacobina estremeceu ligeiramente. Ouvira-o dizer aquilo tantas vezes no passado. Fora sempre a sua explicação para tudo: para a guerra e para a paz, para a lealdade e para a traição.

Estaria a falar com ela? Ou estaria a delirar? «Um vizinho encontrou-o deitado no chão, inconsciente», dissera o médico quando lhe telefonara e pedira para vir o mais depressa possível. Aquilo levantara uma série de perguntas. «Temos de o vigiar», acrescentara o médico.

Desde que chegara a Montreal, Jacobina não conseguira obter muito mais informações. O médico estava ocupado e reservara apenas alguns minutos para ela. Ainda bem que ali estava, dissera ele. Um breve aperto de mão. O pai estava fraco, era apenas uma questão de tempo.

O pai nunca lhe falara do seu estado de saúde. Como era evidente, a sua mobilidade diminuiria rapidamente nos últimos anos, e ele sofrera de insónias durante muito tempo. Sinais normais de envelhecimento. «Envelhecer é horrível», costumava dizer. «Doem-nos todos os ossos.» Mas, no que dizia respeito a pormenores mais específicos, como se estava a lutar contra uma tensão arterial alta ou contra a diabetes, se o cancro lhe estava a alvoroçar o corpo

ou porque tomava aqueles comprimidinhos brancos, Jacobina não fazia ideia. Também não se interessava pelo assunto.

Uma empregada limpava o chão havia mais de uma hora, mas o cheiro acre a desinfetante ainda pairava no ar. Jacobina olhou pela janela, que não podia ser aberta. A vida lá fora parecia muito distante. Irreal.

Apesar de serem apenas quatro da tarde, os candeeiros de rua já se encontravam acesos. Estava outra vez a nevar. Os flocos de neve dirigiam-se para o solo em linhas enviesadas. O raio dos invernos canadianos. Como Jacobina os odiara, sempre. A escuridão infindável, as mãos vermelhas, geladas. Detestara quase tudo ali. Porque é que o pai nunca o compreendera?

Mas seria mesmo a escuridão do inverno que a sufocava, ou estaria a formar-se outro tipo de escuridão, algo que só ela conseguia ver?

Jacobina estendeu os dedos para o interruptor para ligar o candeeiro da mesa de cabeceira. Mas depois mudou de ideias e recolheu a mão. O pai gostava da penumbra, lembrou-se com um súbito laivo de indulgência. O crepúsculo, a anunciar a noite e a permitir que tudo se acalme gradualmente. Em casa, ficara muitas vezes sentado, na penumbra, satisfeito por deixar a paz descer sobre si como se fosse um bálsamo contra uma dor invisível.

Deixou apenas o pequeno aplique de parede ligado, que a enfermeira acendera nessa manhã. A face direita do pai assumiu um brilho baço sob a sua luz.

Ele pigarreou e voltou a abrir os olhos. Jacobina pegou no copo que se encontrava na mesa de cabeceira, encheu-o com água do jarro que a enfermeira loura trouxera nessa manhã e ofereceu-lho silenciosamente. Mas, mais uma vez, ele não reagiu, ficou apenas a olhar, fascinado, para o contorno da Torre Eiffel. O seu rosto parecia ainda mais encovado agora do que à luz do dia. A sua testa era percorrida por rugas amplas e negras, como fissuras, e o pouco cabelo que ainda tinha agarrava-se-lhe à cabeça em fios. Meu Deus, parecia

mesmo velho! Ele *era* velho. Oitenta e dois anos. Apesar de ter estado dois dias a olhar para ele quase praticamente sem interrupções, a figura doentia com as faces cinzentas parecia um estranho a Jacobina. Nada a fazia lembrar o seu alegre e ligeiramente rechonchudo «papá Lica», que a abraçava com força quando ela era pequena e a fazia rodopiar pelos ares. Que encostava o seu rosto áspero contra o dela e lhe sussurrava coisas divertidas ao ouvido. A sua voz, o seu riso, o aroma do seu *aftershave* — tudo nele resumava afabilidade e segurança. Na altura, ela tinha oito anos, e o mundo era grande e luminoso.

«Lica Louco», era o que toda a gente lhe chamava. Sim, fora louco e espalhafatoso. Pedira muito da vida, não respeitara nada nem ninguém. À exceção das regras sagradas do Sabat, quando a mãe acendia velas devotamente, enquanto ele se servia de uma dose generosa de vinho e abençoava a família. Jacobina gostava de se recordar daquelas noites de sexta-feira da sua infância. A casa arrumada, o dinheiro e as outras preocupações adiadas, o aroma do *challah* — o pão branco entrançado que a mãe tirava do forno e polvilhava com sal — a espalhar-se pelas divisões. Quando a mãe ainda era viva e Lica ainda não se transformara no cínico excêntrico que passara a ser depois da morte dela. Há quanto tempo fora!

Jacobina tentara, em vão, eliminar as outras, as memórias menos agradáveis. As muitas discussões. As acusações. O silêncio. O silêncio permaneceria com ela. A morte dele não mudaria nada.

— Paris — disse Lica, quebrando a quietude de forma tão inesperada como o fizera alguns minutos antes. A sua voz soava crua, mas firme. Já não teve de pigarrear. — Judith... minha filha. — Inspirou profundamente e ficou de novo em silêncio.

De quem estaria a falar? Estaria a alucinar?

— Pai, sou eu. A Jacobina.

— Paris — repetiu ele, baixinho, quase melancolicamente, sem desviar o olhar da Torre Eiffel.

— Pai, como te sentes?

Ele não respondeu.

Jacobina inclinou-se para diante e tocou-lhe na mão. Porque não olhava o pai para ela? Decerto que a veria ali!

Ele tinha uma expressão pensativa. Virou lentamente a cabeça na direção de Jacobina e fitou-a. Olhou através dela. Estava noutra lugar qualquer.

— Como pude fazer-te aquilo, Judith? — Passou as costas da mão pela boca.

Jacobina ficou a olhar para ele.

— Do que estás a falar?

Nesse momento, a porta abriu-se. A luz do teto acendeu-se e encheu o quarto com um brilho néon claro. Jacobina pestanejou.

A enfermeira ruiva dos sapatos com sola de borracha que chivavam entrou e colocou-se aos pés da cama.

— *Bonsoir, monsieur* Grunberg. Descansou bem? — perguntou em voz alta, piscando-lhe o olho. Depois, dirigiu-se a Jacobina. — O seu pai está acordado há quanto tempo?

Antes de Jacobina ter oportunidade de responder, ele proferiu:

— Água.

— Cinco minutos, talvez — murmurou Jacobina, pondo-se de pé. Estava prestes a levar-lhe o copo aos lábios quando Lica o agarrou com a mão tremente e lhe afastou o braço para o lado.

Típico, pensou Jacobina.

Ele agarrou o copo com as duas mãos e bebeu pequenos goles ávidos.

A enfermeira contornou a cama, ocupou-se do soro e fechou as cortinas. Lica voltou a afundar-se na almofada, afrouxando as mãos. O copo meio cheio rebolou pelo cobertor e caiu ao chão, partindo-se em pedaços.

— Cuidado, *madame* — disse a enfermeira, enquanto agarrava o braço indolente de Lica e lhe sentia a pulsação.

Jacobina baixou-se para apanhar os fragmentos de vidro. Doíam-lhe as pernas por ter estado sentada durante tanto tempo.

— Quarenta e quatro — disse a ruiva. — Bastante baixo. — Voltou a pousar o braço de Lica em cima do cobertor e anotou o número. — Veja se ele come alguma coisa — pediu. Premiu o botão de chamada para o gabinete das enfermeiras e disse: — Jantar para o quarto cinquenta e quatro. — E foi-se embora.

Jacobina tirou uns quantos lenços de papel da caixa que se encontrava na mesa de cabeceira de Lica, usando-os para limpar o resto dos vidros do chão. *Não arranjes confusão*, prometera a si mesma. *Nada de observações desagradáveis*. Não valia a pena discutir com a enfermeira.

Um auxiliar jovem apareceu e trouxe um tabuleiro com comida e um bule de chá, colocando-os na mesa de cabeceira de Lica. Sorriu timidamente e desejou uma boa noite a Jacobina. Esta deu uma olhadela ao prato: um pedaço de pão com uma fatia quadrada de queijo e, a acompanhar, uns quantos picles secos.

— Lixo — soltou Lica, quando ficaram de novo a sós.

Jacobina sorriu. Aquele era o Lica da sua juventude — a sua exuberância era uma bofetada intencional na cara, o «não-me-interessa-o-que-as-pessoas-pensem», o homem cheio de vida que ela adorara na altura. Talvez ele ainda ali estivesse, por detrás da aparência rude que desenvolvera ao longo dos seus anos de solidão. Talvez os medos do médico tivessem sido precipitados. Afastou-lhe uma madeixa de cabelo do rosto, desligou a luz do teto e puxou a cadeira para mais perto da cama.

— Queres chá?

— Preciso de falar contigo — disse ele, sem olhar para ela.

A sua voz baixa soou, contudo, muito decidida.

Jacobina olhou para ele, surpreendida. Então ele *sabia* que ela estava ali.

— A vida é complicada, Jackie — murmurou ele, usando a versão abreviada do seu nome, como lhe chamava quando ela era pequena. — Agora só nos temos um ao outro.

Se ele tivesse tido esta perspetiva dez anos antes, pensou ela, ouvindo os sinos a repicar o seu recordar incessante, ter-lhe-ia poupado

muita dor. A raiva acumulava-se dentro dela. Agora que o pai estava a sofrer, queria resolver tudo a bem com umas quantas palavras vazias. *Agora só nos temos um ao outro.* As palavras ecoaram dentro da sua cabeça, tal como os malditos sinos. Não era assim tão simples. E era demasiado tarde. Demasiado tarde. Jacobina tentou respirar calmamente e deixou que o olhar vagueasse pelo quarto. *Nada de comentários amargos*, lembrou a si mesma. Não podia perder a compostura.

— Como hei de dizer isto? — continuou Lica, passando a mão pela mancha de água no cobertor. — Fiz... fiz algumas coisas más.

Algumas coisas?! Jacobina sentiu-se como se estivesse a rir amargamente. *Tudo!* Mas controlou-se e permaneceu em silêncio. Lembrou-se da discussão terrível que tinham tido na sua última visita. Quando jurara nunca mais voltar. Sempre tinham discutido, de todas as vezes que se viam. De forma intensa e zangada. Mal o café e a conversa superficial da primeira hora ficavam para trás, ele lançava-se em recriminações. Sobre a vida dela; sobre o facto de ela não ter concluído os estudos; sobre ter-se contentado com um emprego «de segunda», como ele lhe chamava, apesar de ser inteligente. Sobre o facto de ter trocado o Canadá pelos Estados Unidos.

— Devias ter ficado com o Louis — dizia ele, então, ao jantar, à mesa da cozinha. Guisado de lata aquecido. A única coisa que o pai gostava de comer. — Ele prometia ser alguém. Agora terias uma vida boa.

Louis, o seu namorado da adolescência. Nunca o amara realmente e não sentia a sua falta, nem da vida entediante que poderia ter tido com ele.

— Eu *tenho* uma vida boa.

— Naquela caixa de sapatos? — Uma das alusões malévolas do pai ao seu apartamento minúsculo em Manhattan. — Não me faças rir.

Não valia a pena. O que sabia ele acerca dela? Acerca da vertigem sentida logo que chegara a Nova Iorque? Da leveza que lhe aquecia a alma quando olhava para baixo, do seu apartamento no quinquagésimo sétimo andar? Da sua felicidade e sensação

de realização por estar a viver o seu sonho? Nada. Como podia ele saber? A morte da mãe abrira um fosso entre ambos. E, agora, a distância parecia demasiado grande para ser ultrapassada com um pouco de conversa de cabeceira insignificante.

Jacobina não se conseguia lembrar da última vez que tinham tido uma conversa pacífica um com o outro. Começara nos primeiros anos, depois da morte da mãe. Ele falava com ela com menos frequência, raramente atendia o telefone e isolava-se cada vez mais. Já não cumprimentava os vizinhos e sentava-se diante do televisor o dia inteiro. Jacobina estava sempre preocupada com o pai e ia visitá-lo em longos fins de semana. Dias agonizantes. Ele deixava as persianas fechadas durante o dia inteiro. Mal tocava na comida. Usava sempre as mesmas calças cinzentas de bombazina. Já não fazia a barba. A casa cheirava a bafio; o jardim fora deixado ao abandono. E, quando ele falava, era apenas para a repreender. O seu tom de voz! Aquela escuridão! Jacobina começou a detestar a sua casa de infância, um lugar que outrora tivera muito amor.

Mas era consumida por uma sensação profunda de dever, algo de que não se conseguia libertar. E, por isso, obrigava-se a apanhar o autocarro da Greyhound de seis em seis meses e a percorrer centenas de quilómetros para lá da fronteira, até Montreal, de modo a visitar o seu isolado pai. Ficava uma noite, duas, no máximo. Já não era capaz de lidar com aquilo.

— Ele não devia viver sozinho — dissera Iris, uma vizinha e a melhor amiga da mãe. De tempos a tempos, ia ver como estava Lica e depois telefonava a Jacobina para fazer o relatório. — Tenta compreendê-lo. — Mas Jacobina não conseguira compreender, ou não quisera.

Na sua última visita, ele fora especialmente duro. Tão duro que, depois, ela não o contactara durante um ano.

— Um dia terás a paga! — gritara-lhe ele, enquanto Jacobina saía de casa de rompante. — Vais dar contigo doente e velha no teu apartamento e irás arrepende-te da tua vida.

Isto fora já há alguns anos. Desde então, não o visitara, limitara-se a ligar de vez em quando. *Por que motivo estaria ele tão zangado? E porquê com ela?*, perguntava-se muitas vezes. Ela não lhe fizera nada. Claro que o desiludira. Não levara um marido para casa ou lhe pusera netos nos braços. Mas continuava a ser filha dele, apesar de ter seguido o seu próprio destino.

E agora ele queria pedir perdão por toda a amargura e rejeição que lhe lançara? Um pedido de desculpa por tudo? Conseguiria ela aceitá-lo? Jacobina cruzou as pernas, balançando o pé direito para cima e para baixo.

Lica estava a olhar de novo para a Torre Eiffel.

— Paris... — disse ele. — Foi aí que tudo começou.

Jacobina levantou os olhos, surpresa. Queria perguntar-lhe do que estava a falar. Mas decidiu ficar calada e esperar. Talvez ele lhe dissesse de seguida.

— Claire — sussurrou ele —, a linda Claire... eu amava-a. — Suspirou e enxugou os olhos. — E depois o bebé. Veio demasiado cedo. Uma coisa tão pequenina.

— De quem estás a falar?

— A parteira achava que ela não ia sobreviver. — Ele fez uma pausa e engoliu em seco. — Mas a Judith... sobreviveu. — Virou-se então para Jacobina e olhou-a nos olhos pela primeira vez. — A tua meia-irmã.

Jacobina olhou para ele, confusa. Devia estar a alucinar. A medicação. Teria de chamar o médico. Lica franziu o sobrolho. O seu olhar vagueou de volta à Torre Eiffel.

— Eu e a Claire divorciámo-nos — proseguiu, com a voz rouca. — Eu voltei para a Roménia, mas prometi escrever à Judith. Visitá-la. Mandar dinheiro. Depois disso, conheci a tua mãe.

A respiração de Jacobina ficou-lhe presa na garganta. Sentiu um afluxo súbito de calor a percorrer-lhe o corpo. Seria por a temperatura do quarto estar a sufocá-la ou por causa daquelas palavras?

— Depois, veio o Hitler, e mais tarde a guerra — Lica fez uma pausa. — Os idiotas dos romenos juntaram-se aos nazis. Queriam eliminar-nos. Primeiro, foram buscar o tio Philip, depois a mim. — Durante algum tempo, não disse uma palavra. Como se precisasse de reunir todas as suas forças para pronunciar a última parte da sua confissão. — Eu... eu perdi o contacto com a Judith. Nunca mais a vi.

O estômago de Jacobina embrulhou-se, a cabeça comprimiu-se de dor. O seu olhar acompanhou as marcas escuras que as rodas das camas tinham deixado no chão. No canto junto à janela, haviam-se formado pequenas bolas de algodão. O pavimento não tinha acabado de ser limpo? Ou teria simplesmente imaginado tudo aquilo, tal como a sua anterior convicção de que conhecia o pai? O sino da igreja voltou a tocar, martelando nos ouvidos de Jacobina. Aquele homem estava deitado diante de si, velho e mortalmente pálido, a passar as suas últimas horas a pensar numa mulher que outrora amara e numa filha que mantivera em segredo durante décadas. A vida era uma grande mentira.

— Porque nunca me contaste isso antes? — sussurrou Jacobina. Pequenas pérolas de suor tinham-se-lhe formado sobre as sobrancelhas. Limpou-as com o dedo indicador.

— Os caracóis — murmurou ele —, caracóis castanho-claros... tal como os da Claire.

Uma *meia-irmã*. Todos aqueles anos, ele vivera *com* aquela verdade, e Jacobina *sem* ela. Ele esquivara-se duas vezes à sua responsabilidade de pai. Nem fizera o esforço de encontrar a sua primeira filha nem contara à outra da existência da sua meia-irmã. Que covarde! Jacobina queria dizer-lhe isso. Nesse instante. Gritar-lho. Gritar a dor. Mas limitou-se a engolir em seco. A língua parecia pesada e seca.

Em criança, sempre que perguntara a Lica acerca da sua vida, ele limitara-se a fazer um gesto depreciativo com a mão e a dizer: «Oh, a guerra... destruiu-nos.»

Ela tivera conhecimento da sua deportação para um campo de trabalho. Soubera que ele tivera sorte por não ter ido parar a um dos campos de extermínio da Polónia, tendo permanecido na Roménia. No entanto, ele nunca queria falar no assunto e terminava sempre a conversa de forma abrupta. Jacobina não sabia pormenores. Sabia apenas que, em dado momento, ele fugira e que depois saíra imediatamente do país e da Europa com ela e com a mãe. Jacobina nunca o fizera falar; não gostava das expressões sombrias que se instalavam nos rostos do pai e da mãe quando pronunciavam a palavra «guerra», tensos e cheios de horror. A guerra não tinha significado para ela. A Europa ficava muito longe. Fora há muito tempo. Na altura, ela era muito pequena e não se conseguia lembrar de nada daquilo. No seu passaporte, a cidade de Bucareste estava assinalada como o seu local de nascimento. Era tudo o que precisava de saber.

— Em breve será o meu fim — murmurou Lica. — Não quero continuar.

— Devas ter-me contado. — Jacobina debatia-se para conseguir falar.

Lica virou-se para ela. Os seus olhos estavam húmidos e tinham perdido toda a cor.

— Não podia — disse ele. — Estava demasiado envergonhado, Jackie.

Jacobina mordeu o lábio. A franqueza do pai foi uma surpresa.

— A última vez que vi a Judith foi em Paris — continuou ele. — Ela tinha treze anos. Ou talvez já tivesse catorze... Muito antes da ocupação. Era primavera. — Voltou a olhar para o quadro.

Jacobina acompanhou o seu olhar e reparou, pela primeira vez, que o quadro estava ligeiramente inclinado. Lica fez alguns movimentos desajeitados com os braços, tentando puxar a almofada de baixo das costas. Depressa desistiu e olhou para ela. Ela levantou-se, grata pelo pedido silencioso de ajuda, grata por poder fazer algo que não exigisse falar. Ajudou-o a sentar-se na cama, puxou a almofada,

ajeitou-a e colocou-a por trás da cabeça dele. Ao tocar nos seus ombros ossudos, estremeceu. Quase não sobrava nada dele.

— Estávamos sentados no Champ de Mars. A admirar a Torre Eiffel. Era exatamente como naquele quadro. Quase cor-de-rosa, sob a luz matinal. E orgulhosa, como o seu povo.

Jacobina arqueou as sobrancelhas.

A porta abriu-se, e o auxiliar jovem que trouxera a refeição da noite entrou para levar o tabuleiro. O pão com queijo permanecia pálido e intocado no prato.

— Talvez prefiras um pouco de sopa ou de caldo quente? — perguntou Jacobina. Não por preocupação pelo facto de o pai não ter comido nada, mas apenas para dizer alguma coisa. Algo que não estivesse relacionado com aquilo que acabara de ouvir. Algo normal, algo quotidiano.

O auxiliar, com o rosto cheio de sardas, olhou para ela através de uns óculos pequenos e redondos e abanou a cabeça. «François» era o nome escrito na placa que trazia presa ao avental.

— Lamento, *madame*. Para pedidos especiais, tem de preencher um papel e entregá-lo à enfermeira que estiver a fazer as manhãs.

Jacobina acenou distraidamente com a cabeça, enquanto via o auxiliar a pegar no tabuleiro.

— Deseja um comprimido para dormir, *monsieur*? — perguntou ele.

— Ele acabou de acordar — sibilou Jacobina, antes de Lica poder responder. — Não lhe pode dar um comprimido para dormir agora!

— Oh, desculpe — disse o homem apressadamente, recuando um passo. Os talheres escorregaram pelo tabuleiro, tinindo. — O comprimido é para outro paciente. — Sorriu mansamente. — O dia já vai longo.

Jacobina não respondeu.

— A vida é longa — exclamou Lica. — Demasiado longa. — Lançou um olhar sombrio ao auxiliar.

— Agora importa-se de nos deixar a sós? — perguntou Jacobina. E depois acrescentou «Françóis», na esperança de que ele reagisse mais depressa se ouvisse o seu nome.

O auxiliar apressou-se a sair e fechou a porta com estrondo.

— Desliga a luz, Jackie — disse Lica. — Está a deixar-me cego.

Jacobina tocou no interruptor do candeeiro de parede e sentou-se, recostando-se na poltrona. Depois, desatou os atacadores das botas e esticou as pernas diante de si. Na escuridão, só conseguia distinguir os contornos da cama. Viu o perfil negro da cabeça de Lica. Ele respirava emitindo um ruído áspero.

Jacobina escutou os passos no corredor. Vozes abafadas. Um riso breve.

— Jackie... — começou Lica, passado um bocado — a tua mãe era a minha vida. Depois da morte dela, tudo se desmoronou.

Os olhos de Jacobina encheram-se de lágrimas. Então e *ela*? Não teria lugar no coração do pai?

— As memórias levaram a melhor — continuou ele —, veio-me tudo à cabeça. Os caracóis da Judith. Paris. E depois a Roménia. O campo. Vivíamos como ratos, sentados na nossa própria merda, a comer lixo. Tínhamos piolhos. Tifo. Sem a tua mãe ao meu lado, comecei a reviver tudo, dia e noite. Foi insuportável. Mas não conseguia falar naquilo.

Jacobina cerrou as mãos em punhos.

— Tinhas-me a mim.

E então Lica disse algo completamente inesperado.

— Eu tinha medo de ti, Jackie. Eras tão independente. Nunca me davas ouvidos, não tinhas medo de nada. Eras tal e qual como eu, dantes. — Fez uma pausa breve. Jacobina ouviu-o passar a mão pela cara. — Tinhas o coração no sítio certo. Eu sentia-me tão pequeno e velho quando estavas por perto. De que adiantaria pôr-me a lamentar sobre a guerra?

A garganta de Jacobina pareceu fechar-se. As palavras do pai deslizavam pelo ar negro do quarto de hospital como uma confissão

e um bálsamo. Mas o que permanecera por dizer entre ambos durante tantos anos parecia um abismo demasiado profundo para se atravessar.

— Eu detestava-me — continuou ele. — E descarreguei em ti. — A sua voz parecia tensa. — Não sabia como agir de outra maneira. Nunca consegui falar de emoções. Especialmente contigo. — Remexeu-se na cama, gemendo. As molas do colchão rangeram; uma almofada caiu ao chão. — A tua mãe organizou a nossa fuga da Roménia. Ela era tão forte. — Jacobina julgou ouvir um leve sorriso na sua voz. — Voltou a preencher a minha vida.

Jacobina estendeu o braço para a almofada, na escuridão, e voltou a pô-la na cama.

— Consegui continuar durante anos. Agir como se tudo estivesse bem. — A respiração dele fez um som asmático. — Mas nada estava bem. Eu estava a fingir para todos nós.

Os olhos de Jacobina afundaram-se em lágrimas. Queria desesperadamente sentir-se como quando era pequenina, quando Lica e a mãe se tinham um ao outro, quando tudo estava bem. Mas conseguiu reprimir a vontade de chorar, com receio de que o pai a ouvisse. Mesmo nessa altura, o seu orgulho prevalecia, quase impenetrável, ao longo de anos de rigidez entre ambos.

— Não há esquecimento — murmurou ele — e não há escapatória. — Tossiu ruidosamente, engasgou-se e debateu-se para respirar. Depois, aos poucos, acalmou. — Perdoa-me, Jackie — sussurrou Lica para a escuridão.

«Perdoa-me.» As palavras que ela esperara ouvir havia tanto tempo. Jacobina já não conseguia aguentar mais. As emoções contidas eram demasiado fortes e irromperam para fora de si. O seu tronco estremeceu. Inclinou-se para a frente, pressionou a mão sobre a boca e tentou em vão conter as lágrimas.

— Chega aqui, minha filha.

Ela soltou um soluço entre lágrimas, pegou na mão de Lica e agarrou-a. Os dedos dele estavam rígidos e frios. Como os dedos

de um cadáver. Durante algum tempo, chorou sem se conter, com o rosto enterrado no cobertor. Todos aqueles anos perdidos, todos os sentimentos negativos.

— Tens de encontrar a Judith — disse Lica. A sua voz parecia implorar. — Promete-me!

Jacobina acalmou-se de imediato. Teria ouvido bem? Soltou a mão dele e levantou a cabeça.

— Quero que... — A voz dele falhou-lhe. Engoliu em seco e inspirou sonoramente pela boca. — Quero que termines aquilo que passei a vida inteira a adiar.

Desconcertada, Jacobina só conseguia fitar a escuridão.

— Por favor — sibilou Lica. A sua mão procurou a dela sobre o cobertor.

Ela voltou a estender o braço. Lica agarrou-lhe os dedos e apertou-os. O sinal de afeto mais íntimo de um homem despedaçado. Um homem que recalcara a sua dor durante anos, asfixiando-a com medo, vergonha e autocontrolo. Cujas feridas eram demasiado profundas para alguma vez sararem.

De início, Jacobina teve pena dele, mas depois foi envolvida por uma ternura avassaladora — uma sensação pouco familiar. Sentiu um impulso súbito de lhe acariciar a cabeça. Mas como transpor o espaço até àquele novo lugar de afeto depois de ter vivido durante tanto tempo num medo enraivecido? A sua hesitação levou a melhor, como tantas vezes acontecia.

— Promete-me — repetiu ele, numa voz áspera, debatendo-se para respirar.

— Prometo — pronunciou Jacobina. Que mais poderia ter dito?

Tomando consciência da sua promessa, ele voltou a apertar-lhe a mão.

Lá fora, no corredor, a agitação dos profissionais tornara-se silenciosa. Jacobina escutou a quietude.

— Podes abrir as cortinas? — pediu Lica. — Gostava de ver a neve.

Ela levantou-se e correu as cortinas para o lado. Nuvens de flocos de neve rodopiavam no brilho âmbar dos candeeiros de rua, recordando-a de que não trazia roupa adequada para aquele tempo. A sua partida fora tão precipitada que deixara as luvas em casa e pegara no casaco errado. Ainda bem que o hotel ficava a escassa distância.

— Agora vou dormir mais um pouco — disse o pai. A sua voz soava leve e confiante, quase como lhe costumava falar quando ela era pequena. Teria a sua confissão libertado o seu fardo?

— Devas ir agora, Jackie.

— Vou ficar aqui até adormeceres.

— Não, está tudo bem. Vou ver a neve. É apaziguadora.

Com grande esforço, ele virou-se de lado para ter uma melhor vista da janela. Jacobina olhou hesitantemente para o contorno rígido das suas costas. Mas ele não disse mais nada.

Se queria mesmo estar sozinho, ela devia ir-se embora, pensou, e pegou no casaco.

— Muito bem, então. Eu vou e volto amanhã de manhã. — Jacobina enrolou o cachecol à volta do pescoço. — E trago-te algo bom para o pequeno-almoço. — O seu estômago rugiu ao pensar nisso. Não se apercebera de quão esfomeada estava. — Boa noite, pai — murmurou, saindo do quarto e fechando a porta suavemente.

A caminho do elevador, passou pelo gabinete das enfermeiras, onde uma jovem de cabelo longo e entrançado estava sentada a distribuir comprimidos por copinhos de plástico. Ao lado dela, encontrava-se uma caneca grande com café e uma embalagem de bolachas aberta. Jacobina bateu levemente na porta semiaberta e cumprimentou a enfermeira.

— Vou andando. Tem o meu número de contacto?

— Qual é o paciente? — perguntou a enfermeira, com um tom ligeiramente confuso, bebendo um gole de café. Na caneca lia-se «I love Canada», em letras grandes.

Jacobina nunca vira aquela mulher antes.

— Quarto cinquenta e quatro. Lica Grunberg.

Sem pousar a caneca, a enfermeira olhou para o placar por cima da secretária.

— Está hospedada no Auberge. Excelente — murmurou, dando outro gole.

— Por favor, ligue-me imediatamente se acontecer alguma coisa — disse Jacobina, tranquilizada ao verificar que as enfermeiras estavam bem organizadas. — Venho logo.

A enfermeira assentiu com a cabeça e regressou à distribuição dos comprimidos.

Talvez afinal não devesse ir já, pensou subitamente Jacobina, virando-se e começando a fazer o caminho de volta. A enfermeira ruiva saiu de um dos quartos. Ao ver Jacobina, murmurou qualquer coisa e apontou com um dedo para o relógio.

Jacobina não queria saber se o tempo da visita tinha chegado ao fim e passou pela enfermeira, de queixo bem levantado. Diante da porta de Lica, parou e olhou em volta. Sentia-se como se estivesse a ser observada. Mas a enfermeira já tinha desaparecido.

Jacobina levou a mão à maçaneta da porta e hesitou. Ele queria dormir, dissera-lhe. Amanhã haveria muito tempo para conversarem. Ela trar-lhe-ia *croissants* acabados de fazer e café, com muito leite, exatamente como ele gostava de o beber dantes. Pela primeira vez desde a morte da mãe, tomariam o pequeno-almoço juntos sem discutir porque ele já não tinha medo dela, e ela já não estaria ressentida com ele. Perguntar-lhe-ia acerca de Judith e talvez lhe falasse um pouco de si. Permaneceriam juntos na luz tranquila da confissão do pai. Sem mais trevas. Um recomeço, tão perto do fim. Soltou a maçaneta da porta, virou-se e dirigiu-se para o elevador.

Jacobina acendeu a luz. O quarto de hotel estava gelado; alguém devia ter desligado o aquecimento. Em pleno inverno! O frio fazia o quarto parecer ainda menos acolhedor do que já era. A criada de quarto espalhara o cobertor castanho por cima da cama

e dispusera à cabeceira duas almofadas com flores bordadas. O pijama de Jacobina encontrava-se em cima da mesa de cabeceira, cuidadosamente dobrado. Um cano da água chiava, algures.

Jacobina aproximou-se do radiador e rodou o manípulo para o máximo. Depois, abriu a cortina, voltou a ligar a luz e sentou-se junto da janela. Não despiu o casaco. Tinha o estômago a roncar de novo, mas não lhe apetecia voltar a sair para comer sozinha, algures. Hoje não. Vasculhou a mala e tirou uma tablete de chocolate já encetada. Rasgou rapidamente o papel e deu-lhe uma dentada. A massa açucarada fez-lhe doer o estômago, mas a fome diminuiu um pouco.

Observou os flocos de neve a dançar, tal como Lica devia estar a fazer, se não tivesse adormecido. A rua estava vazia. De vez em quando, uma lufada de vento fazia rodopiar a neve em arcos amplos, pelo ar. Nesse momento, Jacobina sentiu-se muito perto do pai.

Do outro lado do corredor, ouviu uma porta a abrir-se. Afundou-se mais na poltrona e escutou o zunido do aquecedor.

Lica nunca fizera um boneco de neve com ela, lembrou-se. Nunca lhe lera contos de fadas ou a ajudara com os trabalhos de casa. A mãe fora responsável por essas coisas. A influência e o envolvimento de Lica tinham ocorrido a outro nível. Ele lera-lhe a Torá, falara-lhe acerca do êxodo dos judeus de Israel e levava-a com ele à sinagoga. Ele não seguira as regras da sua religião com um rigor absoluto: gostava de marisco, e, para si, o vinho *kosher* não passava de água de lavar os pratos adoçada. Mas considerara muito importante transmitir uma sensação de pertença à filha, tão longe da sua terra natal, na Roménia, uma sensação que nada tinha que ver com a distribuição geográfica do mundo. Em criança, isso não significara nada para ela. Era tudo o que sabia. Que criança se apercebe do valor destas dádivas tão profundas? O pai dera-lhe a sua história, a história deles, a sua identidade. E, embora ela não tivesse insistido na sua educação religiosa, revelando mais curiosidade, anos mais tarde, em Nova Iorque, quando estava sozinha, aquela tornara-se a base da sua

vida. Algo que lhe dava força e sentido de comunidade e que a ligava à família que em tempos tivera.

O quarto aquecia aos poucos. Jacobina despiu o casaco e fechou os olhos, com o calor a embalá-la até entrar num estado de conforto. As imagens enchiam-lhe o espírito. Viu de novo o pai, pálido, diante de si. Com a barba por fazer, sentado numa cadeira de cozi-nha, com as mãos a tapar-lhe os olhos. Uma caneca com chá à sua frente. «Fecha as persianas», ouviu-o a ordenar, rabugento. «A luz faz-me mal.»

Anos antes. Na primavera. Estava a rir e a pegá-la ao colo para a instalar no pequeno assento que aparafusara à barra do meio da sua bicicleta. Ela, orgulhosamente instalada entre ele e o guiador, com o pãozinho do pequeno-almoço ainda na mão. «Cuidado!», gritou-lhes a mãe, enquanto ele seguia para a levar à escola.

Uma pancada na porta despertou-a subitamente. Onde estava? Quanto tempo teria ali permanecido? Outra pancada, desta vez mais forte.

— *Madame?* Está aí?

Jacobina levantou-se, tropeçou na mala, no escuro, e estendeu o braço para a parede. Onde raio estava o interruptor?

— Já vai — gritou.

Mas a mulher do lado de fora não a ouvira e bateu uma terceira vez.

— É urgente. — A sua voz parecia agitada. — Está aí?

Jacobina abriu a porta.

A rececionista ficou parada diante dela, completamente esbafo-rida. Ao que parecia, subira as escadas a correr.

— Desça, por favor — disse precipitadamente. — Tem uma chamada.

Não havia telefone no seu quarto para onde a chamada pudesse ser transferida. *O hospital*, foi o que relampejou na cabeça de Jacobina. Deixando a porta escancarada, apressou-se a descer as escadas, pisando a alcatifa esbatida, com um padrão oriental. Ele queria falar com ela. Não conseguia dormir.

Contudo, quando pegou no auscultador e o levou ao ouvido, soube que lhe estavam prestes a dizer algo completamente diferente. Sentia o coração a latejar-lhe nas têmporas. Uma dor lancinante rasgou-lhe o peito. Chegara. O momento para o qual se andara a preparar durante dias, anos — chegara. O momento que, acreditara ela, não mudaria nada.

— *Madame* Grunberg?

— Sim — sussurrou Jacobina para o bocal, segurando o auscultador com as duas mãos.

— Fala a enfermeira Louise. — Fez uma pausa. — Lamento, mas o seu pai faleceu.

Jacobina não disse nada.

— Deve ter sido pouco depois de ter saído — explicou a enfermeira. — Lamento imenso.

Agora só nos temos um ao outro, dizia Lica a Jacobina.

Olhou pela janela, para a escuridão, uma tempestade de emoções num turbilhão dentro de si. Os sinos da igreja repicaram, com o seu som a misturar-se com a queda silenciosa da neve. Quantas fases diferentes do dia tinham assinalado. Uma vida de amargura desfeita por uma revelação, uma confissão que prenunciava a sensação há muito esquecida de graça e de afeto. Teve-a apenas por um instante muito breve, e agora ele morrerá.

Seria suficiente para dissipar a dor que estava tão enraizada nela? Anos de ressentimento, esquecimento, o segredo da meia-irmã. Conseguiria perdoar-lhe por ter descarregado o peso da sua culpa nos ombros da filha para poder morrer em paz? Conseguiria perdoar-lhe por a ter deixado com uma promessa tão gigantesca que ela não sabia se tinha forças para cumprir? Conseguiria perdoar-lhe por *a* ter abandonado?

Só mais tarde, de volta ao seu quarto, Jacobina conseguiu chorar pelo pai.

2

Judith

Paris, setembro de 1940

Eu estava num dos degraus do meio da instável escada de biblioteca quando descobri o bilhete. Estava escrito num papel azul-celeste invulgarmente espesso, dobrado várias vezes e escondido dentro de *À Sombra das Raparigas em Flor*, de Marcel Proust, Éditions Gallimard, 1919, quatrocentas e noventa e duas páginas. O volume estava bastante manuseado, a lombada deformada; os alunos estavam sempre a requisitá-lo. Como parte dos meus estudos literários na Sorbonne, eu própria, no último ano, me debatera por entre as frases labirínticas e as metáforas excêntricas de Proust. As palavras, como um perfume pesado que eu conseguia inalar e quase sentir, mas não agarrar.

O meu primeiro pensamento ao ver aquele pedaço de papel foi que alguém se esquecera dos seus apontamentos. Pousei na prateleira os outros livros que levava debaixo do braço e puxei o bilhete azul. Tinha escrito «Para a Judith» em cima, numa caligrafia pequena e clara. Fiquei a olhar para o meu nome, desconcertada.

Uma lufada leve de vento varreu a sala, fechando a janela semi-aberta com estrondo. Assustada, quase perdi o equilíbrio. Agarrei-me à escada, desci apressadamente e desdobrei o papel.

«Os movimentos fluidos das tuas mãos delicadas e pálidas que nunca param», estava escrito a tinta preta. «A tua figura esguia, o teu andar gracioso. Sempre que entras numa divisão, ilumina-la. C.»

O meu coração bateu mais depressa. Nunca tinha recebido uma mensagem como aquela. Quem poderia ser C? Virei o bilhete; talvez o nome do remetente estivesse escrito no verso. Mas não havia nada.

Seria o princípio de algo empolgante e diferente, a atrair-me para uma espécie de *liaison dangereuse*, tão magnificamente descrita por Choderlos de Laclos? Ou poderia o bilhete ser uma porta para a viagem romântica por que eu sempre ansiara, mas que só fora vivida nos livros por Flaubert, George Sand e Balzac?

Romance — que ideia ousada e proibida. Dobrei o papel com um gesto decidido. A vida era demasiado incerta e arriscada naquele momento. Nos últimos tempos, às vezes até o nascer do sol me parecia uma ameaça.

Cerca de três meses antes, os franceses haviam capitulado, e os alemães ocupavam agora metade do nosso país. Um «cessar-fogo» fora o nome que o marechal Pétain dera a esta humilhação do povo francês. Desde então, os alemães tinham-se instalado nos nossos hotéis de luxo, e a nossa cidade tornara-se estranha para mim. Apareciam letreiros por todo o lado com palavras compridas em alemão que nenhum francês conseguia pronunciar. Uma bandeira com uma cruz suástica adejava na Torre Eiffel, e tivemos de adiantar uma hora para nos alinharmos com a hora de Berlim.

Alguém me chamou, e olhei para cima. *Monsieur* Hubert, o diretor da biblioteca, aproximou-se de mim, passando a mão pelo seu escasso cabelo.

— Já introduziu as novas aquisições no arquivo de cartões? — perguntou. Por detrás dos seus óculos pequenos e redondos, os seus olhos brilhavam de forma afável.

Pelo menos havia uma pessoa a comportar-se como se a vida continuasse dentro da normalidade. Normalizara um pouco, de facto, depois de 14 de junho, o dia em que os primeiros soldados alemães tinham chegado à Porte de la Villette, nos arredores de Paris. Muitos dos parisienses que, com receio da ameaça alemã, tinham fugido para o Sul no início do verão haviam agora regressado. Os teatros tinham retomado a programação, e os cafés e restaurantes, reaberto. A cidade parecia pulsar novamente de vida. Mas as

coisas não eram o que pareciam. Havia já algumas semanas que uma incerteza espectral pairava sobre Paris.

— Sim, claro, *monsieur*. Fi-lo ontem — respondi, distraidamente, enquanto olhava ainda para o bilhete na minha mão.

— Então já pode ir para casa, *mademoiselle* — disse ele. — Está a fazer-se tarde. — Suspirou suavemente, enquanto o seu olhar varria as prateleiras. — Está outra vez uma fila enorme no Georges. Os bens estão a ficar escassos. Vá depressa antes que acabem com tudo.

Querido, adorável *monsieur* Hubert. Sorri-lhe. Estava sempre a pensar nos outros. Fazia-me lembrar o meu pai, ou a imagem do meu pai que eu construía a partir das poucas peças do *puzzle* da minha memória, tão preciosas. Agradecendo-lhe, despedi-me, enfiei o misterioso bilhete azul no bolso da saia e saí da biblioteca.

Enquanto me dirigia para a Place de la Sorbonne, fui saudada por um dia quente de setembro. Os galhos das grandes faias que se alinhavam na praça baloiçavam letargicamente sob a brisa da tarde. O café da esquina anunciava, como sempre, o seu *plat du jour*, e as últimas edições do *Paris Soir*, do *Le Temps* e do *Le Figaro* eram exibidas no quiosque dos jornais. Mas havia algo diferente. Apesar do ano académico ter apenas acabado de começar, a praça da universidade, normalmente tão animada, estava opressivamente calma. Alguns alunos estavam por ali, em pequenos grupos, com as cabeças juntas. Não se atreviam a olhar para os soldados alemães que passavam, os quais calcorreavam a praça nos seus uniformes bem engomados, a rir e a fumar. Eram bem-parecidos, os ocupantes alemães. Altos, com o cabelo cortado rente e pernas possantes. Irradiavam uma força agourenta e uma virilidade repulsiva. Desviei rapidamente o olhar. Não queria arriscar estabelecer contacto visual.

Pestaneando sob a luz do sol, dirigi-me para o Georges, o merceiro da Rue des Écoles. Mesmo de longe, conseguia ver a fila interminável que se formava em frente da loja. Tinha certamente mais de cinquenta pessoas! No dia anterior, haviam sido apenas metade. Quando eu, finalmente, chegasse à porta, já não haveria nada.

Ainda assim, pus-me na fila; não valia a pena tentar a minha sorte noutra lugar. A corrida aos bens alimentares definia a nossa vida diária na Paris germanizada. Tínhamos de fazer fila por cada pão. No dia anterior, conseguira comprar três ovos e um pouco de café do verdadeiro. O leite esgotara-se há muito. O Georges dissera que talvez houvesse novas entregas na semana seguinte.

Uma mulher com um vestido preto estava à minha frente. Um rapaz de calções agarrava-se a ela, e, nos braços, ela levava um bebé aos gritos, enrolado num xaile. Estava a falar com ele num tom tranquilizador. Mas o bebé não parava de chorar. Os joelhos do rapaz ao seu lado estavam esfolados, e, na mão, levava um cesto de compras vazio. Quando olhei para ele, enterrou a cara nas pregas da saia da mãe.

Virei-me e vi que pelo menos mais vinte pessoas se tinham juntado à fila, atrás de mim. E, ali, entre uma senhora idosa com um chapéu e um jovem com um fato escuro, avistei a minha amiga Alice. Em crianças, eu e a Alice éramos inseparáveis. Agora que estávamos ambas ocupadas com os nossos estudos universitários, víamos-nos com menos frequência. Desde a chegada dos alemães, não nos voltáramos a encontrar.

Acenei-lhe, com um sorriso rasgado, entusiasmada com o encontro surpresa. Ela olhou brevemente para mim, e apareceu-lhe nos lábios o esboço de um sorriso. Depois, virou a cabeça e olhou em frente.

— Alice — chamei.

— *Chhhiu* — sibilou alguém atrás de mim.

O som devolveu-me à nossa nova realidade. A vida durante a ocupação era diferente. Estranha. Já ninguém se ria. Ninguém fazia perguntas. As pessoas ficavam caladas, mas com expressões tensas no rosto, um misto de nervosismo e medo.

Baixei o queixo e olhei para o chão. Pouco depois, dois soldados alemães passaram por ali.

Alguns minutos mais tarde, tirei o bilhete azul-celeste e li-o. Que caligrafia tão bela e expressiva. Embora a mensagem fosse

muito breve, parecia bem pensada. Como se o C me tivesse observado do seu lugar durante muito tempo até descobrir as palavras certas para mim e para cada um dos meus movimentos.

Estudei as minhas mãos. Seriam mesmo delicadas? E o meu andar tão gracioso como ele achava? Olhei para baixo, para os meus pés, que estavam enfiados nuns sapatos de cabedal gastos. Decidi que, no meu próximo turno, iria procurar o cartão de empréstimo do volume de Proust e descobrir quem pedira o livro naquele dia. Estava curiosa.

Depois de esperar durante quase uma hora, entrei finalmente na loja. Tive sorte. Contra todas as minhas expectativas, nem tudo fora vendido, e comprei algumas fatias de queijo e quatro maçãs. A minha mãe iria ficar contente por eu não voltar para casa de mãos a abanar.

Quando saí da loja, voltei a procurar a Alice. Mas ela fora-se embora.

Um romance poderoso sobre um amor proibido que tem como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial

PARIS, 1940

Numa cidade sob ocupação nazi, Judith, uma jovem estudante judia, conhece Christian, por quem se apaixona. Porém, Christian é filho de um banqueiro rico e simpatizante do nazismo, e a sua família nunca aprovará a relação dos dois. À medida que os alemães impõem cada vez mais restrições sobre os judeus, Judith é forçada a viver na clandestinidade. O casal planeia então fugir secretamente para a Suíça. Mas, pouco antes de o conseguirem, Judith desaparece sem deixar rasto.

MONTREAL, 1982

No leito da sua morte, Lica Grunberg revela à sua filha Jacobina que ela tem uma meia-irmã mais velha, Judith, que ele viu pela última vez em Paris antes de deixar a França para começar uma nova vida na Roménia. Lica escapou aos nazis, mas perdeu o contacto com Judith, e o seu último desejo é que Jacobina encontre a irmã. Jacobina promete-lhe que o fará, mas demora anos a iniciar a busca, até que é incentivada pela sua nova amiga Béatrice. Ambas acabam por descobrir um segredo obscuro da família, que abarca dois continentes e seis décadas, e que mudará as suas vidas para sempre.

**«Um romance habilmente escrito com um foco especial
em pormenores históricos sobre a vida na França ocupada.»**

The Jewish Chronicle



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897870378



9 789897 870378 >